



DISCUTINDO AS QUESTÕES DE GÊNERO ATRAVÉS DO MÉTODO PENSAR ALTO EM GRUPO NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Maria Celma Vieira Santos ¹; Iskaime da Silva Sousa ¹; Nelson Eliezer Ferreira Júnior².

1. Alunas do programa de pós-graduação PROFLETRAS da Universidade Federal de Campina Grande – CAMPUS Cajazeiras. Cajazeiras – PB, CEP: 589000000 – Emails: iskaime_prof@hotmail.com; mcelmavieira@hotmail.com;
2. Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Email: significante@gmail.com

RESUMO: A relevância da abordagem das questões de gênero na escola se configura a partir da necessidade de que crianças e jovens sejam suscitados a refletir sobre os estereótipos, isto é, os papéis sociais atribuídos a cada gênero não somente no meio escolar, como também no cotidiano. Nesta perspectiva, as práticas de leitura com base em textos sobre essa temática contribuem para essa reflexão, uma vez que assumamos a concepção dialógica da linguagem segundo a qual o homem sempre estará envolvido pelas relações que o ligam ao outro. Essa visão favorece a busca por práticas alternativas que possam estimular e contribuir para a formação de leitores críticos capazes de perceber as questões ideológicas que subjazem aos textos trabalhados na escola. Este trabalho apresenta o relato de uma vivência de leitura do conto “Entre a espada e a rosa”, de Marina Colasanti, que utilizou o PAG - Pensar Alto em Grupo - como instrumento pedagógico utilizado para vivenciar a prática social da leitura, a partir do viés interacionista, numa abordagem de temas transversais em eventos de letramento. O recorte aqui apresentado faz parte de uma atividade realizada com alunos do 9º ano da escola Dom Antônio Campelo, na cidade de Petrolina, Pernambuco.

Palavras-chave: gênero; leitura; reflexão; prática social; PAG.

1 INTRODUÇÃO

A crescente mobilização de diversos grupos sociais em favor do reconhecimento de suas diferenças tem exigido uma percepção mais contundente do papel estratégico da educação para o respeito à diversidade. O ensino, visto como fator essencial para garantir inclusão, promover igualdade de oportunidades e enfrentar preconceitos deve, inclusive, compreender questionamentos

sobre os padrões de desigualdade de gênero e incentivar a equidade de direitos, o respeito mútuo entre homens e mulheres. Felizmente, a escola já tem dado alguns passos no que diz respeito a assumir o compromisso de propiciar reflexões acerca do tema das relações de gênero.

Nesta perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's - 1998) apontam caminhos que o professor pode seguir para o desenvolvimento de uma



prática que reflita os valores democráticos e pluralistas em relação à questão de gênero. É necessário, então, que os professores enfatizem a importância da valorização da igualdade entre os gêneros e a dignidade presente em cada cidadão, bem como orientem todas as discussões, respeitando a opinião de cada aluno e, ao mesmo tempo, apontando os preconceitos e trabalhando pela não discriminação das pessoas.

No que tange a este processo de reflexão e desconstrução de preconceitos entre os gêneros na aula de Língua Portuguesa, a leitura focalizada como prática social, a partir do viés interacionista é uma grande aliada na prática docente. Para Rojo (2012) é indispensável desenvolver um processo de leitura em que o aprendiz se coloque como leitor crítico e autônomo, isto é, um processo cujas atividades ultrapassem a mera decodificação, e privilegiem a compreensão dos textos segundo o caráter responsivo da linguagem e do discurso.

Assim, por entender que suscitar nos meninos e meninas a reflexão sobre suas posições sociais, de modo a contribuir para a construção de novas formas de relações entre homens e mulheres consiste numa prática desafiadora, mas possível, o objetivo desse trabalho é compartilhar os resultados obtidos a partir de uma

vivência de leitura do conto de Marina Colasanti “*Entre a rosa e a espada*”, cujas atividades foram desenvolvidas no 9º ano do EF da escola estadual Dom Antônio Campelo, na cidade de Petrolina- PE.

Para tanto, os dados que compõem a prática pedagógica analisada nessa pesquisa foram coletados por meio do PAG - Pensar Alto em Grupo (ZANOTTO, 2014), cujas bases são a mediação do professor e a interação social, com o objetivo de negociar os sentidos do texto.

2 METODOLOGIA

Neste trabalho, foram retomadas as concepções de leitura como prática social, a partir do viés do letramento, que apontam para a ressignificação das atividades de leitura na escola. Dessa forma, utilizou-se a prática de leitura denominada Pensar Alto em Grupo – PAG (ZANOTTO, 2014), que consiste numa prática colaborativa em grupo que ocorre durante o evento social de leitura e favorece a negociação de leituras, construção de novos sentidos entre os participantes e na possibilidade de valorização da subjetividade presente nas diversas leituras dos textos trabalhados.

O Pensar Alto em Grupo (Zanotto, 2014) é uma metodologia que proporciona



a interação face a face e permite a construção de novas leituras e a negociação de sentidos. Essa prática surgiu a partir do Protocolo Verbal ou Pensar Alto (Ericsson & Simon, 1984) e está afinada com o letramento crítico inspirado em Paulo Freire e com dialogismo de Bakhtin. O pressuposto essencial é dar voz ao leitor, possibilitando o protagonismo na construção de leituras.

No presente trabalho foi descrita uma sessão de leitura do Pensar Alto em Grupo, com alunos do 9.º ano B, da Escola Dom Antônio Campelo, em Petrolina-PE. Esta escola, situada em um bairro periférico, atende alunos nos níveis fundamental II e médio, nas modalidades Regular e EJA- Educação de Jovens e Adultos. A vivência aconteceu no dia 11 de abril de 2016, e contou com a participação de seis membros: uma professora pesquisadora e cinco estudantes, sendo quatro meninas (14 e 15 anos) e um menino (15 anos). O objeto de análise foi o conto *Entre a espada e a rosa*, da escritora Marina Colasanti.

Optou-se pela discussão geral do texto, sem discutir parte por parte, uma vez que a discussão das partes do conto acontece de maneira natural no decorrer de uma vivência. O critério para a escolha dos recortes foi privilegiar os momentos nos quais os leitores abordaram pontos

relevantes para a discussão a que este artigo se propõe, a reflexão sobre as relações de gênero.

Para efeito de análise, as falas dos estudantes foram representadas com os seguintes grafemas: **P** (Professora); **D, G, F, I e R** (iniciais dos nomes dos alunos participantes da sessão de leitura). O percurso didático foi dividido em quatro recortes, escolhidos por abordarem as construções acerca da imagem da mulher no conto lido.

O primeiro recorte refere-se à tentativa de motivar o início da vivência de leitura, e, por conseguinte, o estímulo à fala dos participantes. No segundo recorte houve o ajustamento das vozes, momento em que percebemos o resgate da fala do aluno para expandir a discussão. O terceiro recorte foi denominado “acionando os conhecimentos prévios” em que houve uma aproximação do texto com a bagagem cognitiva dos discentes acerca do tema e, por fim, o quarto recorte no qual os participantes estabeleceram relações entre o conto lido e a realidade pessoal.

3 ANÁLISE E RESULTADOS

A concepção de leitura como prática social rejeita a ideia de que esta



seja mera decodificação. Cabe ressaltar que o aspecto cognitivo da leitura não é desconsiderado, contudo é preciso reconhecer a influência dos aspectos socioculturais. Segundo KLEIMAN (2013), a leitura é um ato social entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados.

Sendo assim, a compreensão de um texto varia de um indivíduo para o outro. Um texto pode suscitar várias leituras em diferentes leitores, ou um mesmo leitor pode evocar leituras diferentes de um único texto em diferentes contextos.

Entretanto, essa visão pós-moderna de leitura (CORACINI, 2005) de que um único texto admite várias inferências e, por consequência, várias leituras não anulam o texto, mas o transformam e o reescrevem, fazendo com que dele surjam outros textos.

PRIMEIRO RECORTE – ACERTANDO O PASSO

O texto foi distribuído aos participantes para lerem, em um primeiro momento, silenciosamente e introspectivamente, por alguns minutos. Após esse momento, iniciou-se a conversa sobre o texto (Quadro 1). Foi possível perceber que, mesmo tendo sido enfatizado, no início da vivência,

que eles deveriam conversar entre si para construir o sentido do texto, os alunos ficaram inibidos, e algumas perguntas foram feitas no intuito de incentivá-los a falar.

Quadro 1: Início do diálogo sobre o conto lido.

P. bom (+) primeiro' a gente pode conversar sobre o texto (+) se ficou alguma dificuldade em entender (+) todo mundo entendeu”

D:

F: [] entendeu

G: [] entendeu

I: Sim

R:

P: quem gostaria de começar de falar assim' rapidamente do que o texto trata”

P: não sejam tímidos é uma conversa (+) fiquem à vontade.

Fonte: Dados da pesquisa - 2016.

Como visto no quadro 1, a professora utilizou uma pergunta de contato “*Quem gostaria de começar a falar, assim, rapidamente, do que o texto trata?*” para iniciar a vivência de leitura sem perguntar diretamente a um aluno em específico, para que os participantes não tivessem a impressão equivocada de um interrogatório ou de um questionário.

O professor/pesquisador, ao participar do grupo, deve abandonar seu papel diretivo para assumir o papel de



mediador na construção das leituras, substituindo as perguntas “usuais” diretivas por perguntas ou intervenções que levem o grupo a refletir e construir um raciocínio coletivo.

SEGUNDO RECORTE – AJUSTANDO AS VOZES

No segundo recorte, (quadro 2) a aluna F formulou oralmente sua compreensão acerca das atitudes da personagem – a princesa, pois percebeu que as decisões tomadas por ela refletiam no modo como o outro a enxergaria. Houve um reconhecimento do preconceito existente no fato da princesa ser mulher e ter barba, característica socialmente, relacionada ao homem.

Numa tentativa de resgate da fala da aluna F, a professora ampliou a discussão e, ao assumir essa postura, o grupo pode perceber que F fez uma contribuição relevante.

Quadro 2: Inferências do alunos acerca do conto.

F: e:: eu acho que ela sentia preconceito tip:::o de diferente que ela não queria tirar para não espantar porque se ela tirasse pra ele ver o elmo ela ia mostrar a barba e o corpo de mulher aí ele não ia mais querer o serviço dela e como ela ia estar com a barba ele não ia querer se casar com ela,

...

P: Francisca falou uma coisa aqui sobre achar que ela sofreu preconceito porque era diferente (+) hoje as pessoas que têm’ que são diferentes sofrem preconceito”

G: sofrem

P: por que será”

G: por que o povo se considera tipo o::

F: rejeitado

Fonte: Dados da pesquisa - 2016.

A pergunta feita pela professora: “*Por que será?*”, no intuito foi fazer com que os alunos refletissem sobre a fala de F e emitissem suas próprias opiniões, conferiu ao momento a oportunidade de conversar sobre a diversidade e o não respeito ao diferente na sociedade atual.

Consideramos que, ao nascer, o indivíduo inicia-se em um longo processo social que influencia a construção de sua identidade, do seu papel sexual e de como se porta nas relações entre os gêneros. Desse modo, a absorção desses estereótipos depende de como cada um entende e interpreta seus papéis sociais em relação a si mesmo e ao outro. Neste recorte, percebe-se que houve apenas uma tentativa de resposta, dada pela aluna G, que foi arrematada por F.

TERCEIRO RECORTE – AJUSTANDO AS VOZES ACIONANDO CONHECIMENTOS PRÉVIOS



Na ativação de conhecimentos prévios é possível perceber que as falas de F, G e I (quadro 3) estabeleceram diferenças entre o padrão de comportamento das princesas de contos de fadas clássicos e a princesa, personagem do conto lido.

Segundo Kleiman (2013) A compreensão de um texto é um processo que se constitui da utilização dos conhecimentos prévios do leitor, isto é, ele busca no momento da leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida.

É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto.

Quadro 3: Relação do conto lido com os conhecimentos prévios dos alunos.

P: que é que você achou' o que é que vocês acharam desse texto diferente dos contos de fada que a gente conhece" (+)

G: os contos de fada ah professora, ultimamente têm tudo que a pessoa quer, é na hora que quer já aqui não' ela lutou/

F: tem muita criança, aí aqui já é mais/

I: enfrentando as vitórias

P: você achou mais adulto"

I: [] é, eu achei

G: [] é, eu achei

G: mais adulto

F: por que ela virou uma guerreira aí quase nenhum 'eu acho que nenhum conto de fadas' as princesas viram guerreiras,

Fonte: Dados da pesquisa - 2016.

Para os alunos houve então o reconhecimento do comportamento padrão constitutivo em contos de fadas, visto que na maioria deles, a mulher é aquela que acaba tendo seus anseios atendidos pela presença de um príncipe que a salva e casa-se com ela, denotando, assim uma imagem passiva.

Embora este momento do recorte tenha focalizado as falas dos alunos, como forma de fazê-los compreender essa diferença a partir de suas próprias impressões, cabe ao professor fomentar ainda mais essa criticidade, confirmando que o conto analisado imprime uma representação feminina que difere da que os discentes estão acostumados, porque nesse é a coragem da princesa que lhe permite percorrer os caminhos da liberdade e enfrentar as situações adversas e não a presença de um príncipe.

**QUARTO RECORTE –
RELACIONANDO COM A
REALIDADE PESSOAL**

Nesse recorte, nota-se que os



alunos relacionaram o assunto tratado no conto com a realidade: o casamento entre adolescentes e a tradição do povo cigano, retratada por um aluno que faz parte desse grupo étnico (quadro 4).

Quadro 4 – Relação do tema tratado no conto com o contexto pessoal do discente.

G: eu não vou citar o nome de quem' mas uma aluna mesmo dessa escola ela teve que sair da escola porque os pais delas obrigaram ela a casar com o próprio primo e ela não queria aí ela tá paran/ ela parou de estudar ela saiu da escola ano passado e ela ainda querendo estudar nem só por causa do estudo também por causa do povo daqui da escola (+) ela foi obrigada pelos pais delas a casar com o próprio primo e agora/ e a menina tem treze anos de idade

D: na minha família é assim também (+) nós casa primo com primo (+) querendo ou não

P: por que é uma coisa da cultu/ra

D: mas já é tradição cultura

D: mas já tá acabando a tradição do cigano que tá entrando (incompreensível) sem ser cigano

P: Isso é bom ou isso é ruim”

D: isso é bom e é ruim

D: eu sou/ meu pai é cigano mas minha mãe já não é cigana,

Fonte: Dados da pesquisa - 2016.

É importante ressaltar que o aluno D ainda não havia participado da discussão, mesmo que fosse sempre convidado a falar, contudo, quando a discussão foi direcionada para o seu contexto social, interagiu espontaneamente.

Nesse sentido, é válido destacar o que diz Freire (2005) acerca desse cuidado de que o contexto que o aluno encontra na sala de aula, esteja sempre em diálogo com o contexto pessoal do discente, de modo que o educador não pode de maneira nenhuma, em suas relações político-pedagógicas com grupos populares, desconsiderar seus saberes de experiência. A explicação do mundo do qual faz parte ajuda o discente a compreender sua própria existência.

Percebe-se claramente que os alunos entendem o casamento como uma questão cultural, conseguindo acionar exemplos pessoais. No entanto, há, na fala de D e de G, o reconhecimento de que este constructo social não é uma situação positiva para a mulher, uma vez que nos exemplos dados por eles, a mulher tem que casar, mesmo não sendo de sua vontade, e, no caso da fala de G, parar de estudar.

Neste momento é cabível discutir a desconstrução desse constructo social de que a mulher deve casar obedecendo à família em detrimento à sua vontade, inclusive partindo de aspectos metafóricos do conto, em que a mulher é representada como uma guerreira, que se torna, por mérito próprio, merecedora de uma realização afetiva. A espada metaforiza o poder, uma vez que para vencer, a



personagem precisou tomar para si o espírito de luta, que até então sempre foi atribuído ao homem, denotando, assim, a desconstrução desses estereótipos dentro do conto e como consequência levando a uma associação com os exemplos cotidianos dos alunos.

4 CONCLUSÕES

É muito importante que o professor entenda sua parcela de responsabilidade na formação cidadã dos discentes, articulando os vários saberes com que tem contato de modo que os leve à reflexão sobre a importância do respeito às diferenças e da eliminação de estereótipos e preconceitos em nossa sociedade. Para tanto, faz-se necessária a busca por materiais de apoio como música, filmes e textos literários que contribuam para a construção de sentidos mais igualitários.

Neste âmbito, a proposta de leitura do conto “*Entre a rosa e a espada*”, de Marina Colasanti, possibilitou a discussão sobre variados papéis sociais da mulher, mesmo num contexto patriarcal, numa mediação entre o contexto da obra, outros contos de fadas pré-existentes e a realidade cultural dos alunos, conferindo diversas

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros**

possibilidades de interpretação e desenvolvimento crítico.

No que remete ao diálogo sobre o texto sistematizado pela proposta do Pensar Alto em Grupo, percebeu-se que, no início da vivência de leitura, houve inibição por parte dos alunos; contudo, vale ressaltar que no decorrer da aula, essa inibição começou a dar lugar à vontade de ser ouvido. É preciso estabelecer uma continuidade nessas atividades de mediação e da prática do Pensar Alto em Grupo, de maneira que através da interação, da negociação e da partilha de experiências e conhecimentos se construa, coletivamente, novos sentidos e novas leituras.

Falar sobre gênero, mesmo no séc. XXI é, antes de tudo, um desafio docente, visto que há, por muitas vezes, certa resistência na própria comunidade escolar. No entanto, uma abordagem pedagógica que enfatize problematização e formulação de pensamento crítico sobre as relações de gênero pode influenciar nas novas formações de relações num âmbito geral, e certamente, pode estabelecer novas formas de relação dentro da escola, da família e em seus círculos sociais.

curriculares

nacionais: terceiro e quarto ciclos do

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ensino fundamental (Tema Transversal Orientação Sexual). Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998b.

CORACINI, Maria José R. Faria. **Concepções de Leitura na pós-modernidade.** In: Carvalho, Regina Célia; Lima, Paschoal. (Orgs). *Leitura: múltiplos olhares.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 15-44, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 31ª ed., São Paulo: Paz e Terra.

KLEIMAN, Ângela. **Texto & Leitor:** Aspectos Cognitivos da Leitura. 15ª ed. São Paulo: Editora Pontes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola.** 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ZANOTTO, Mara Sofia. **A Construção de uma Prática de Letramento para o Ensino e Pesquisa de Leitura da ‘Metáfora’ em Textos Literários.** In Lima, Aldo de (Org.) *A Propósito da Metáfora.* Recife, Editora da UFPE, 2014, p. 193-241.

